

*Para a minha mulher, Joanne,  
e para a minha saudosa mãe, Susan Avison Craven.  
Sem elas, este livro não teria sido possível.*

Imolação [imulɐ'sẽw]

1. Oferecer em sacrifício religioso através da morte.
2. Matar, sobretudo com recurso ao fogo.

O círculo de pedra é um local antigo e sereno. As pedras que lhe dão forma são sentinelas silenciosas. Vigilantes imóveis. O granito refulge, coberto pelo orvalho da manhã. Presenciaram mais de mil invernos e, apesar de denotarem sinais de desgaste, nunca cederam ao tempo, às estações ou ao ser humano.

Sozinho no centro do círculo está um velho rodeado por sombras difusas. Tem o rosto vincado pelas rugas e uns fiapos de cabelo grisalho emolduram-lhe a cabeça calva e cheia de manchas. A sua magreza é cadavérica, e a ossatura, sacudida por tremores. Tem a cabeça tombada e os ombros descaídos. Está nu e prestes a morrer.

Arames robustos que se cravam na sua pele prendem-no a uma viga de ferro. Mas ele não quer saber: já sofreu sevícias às mãos do seu captor.

Está em estado de choque e acredita que já é insensível à dor.

Engana-se.

— Olha para mim. — A voz do captor é impassível.

O velho foi besuntado com uma substância gelatinosa que cheira a gasolina. Levanta a cabeça e encara a figura encapuzada que está diante de si.

O seu captor tem na mão um isqueiro *Zippo* americano.

É então que o medo se instala. O medo primevo do fogo. Ele sabe o que vai acontecer e sabe também que nada pode fazer para o travar. A respiração torna-se rápida e errática.

O *Zippo* está agora diante dos seus olhos. O velho apercebe-se da sua beleza simples. As linhas perfeitas, a precisão dos mecanismos. Um design que não se alterou em cem anos. Com um gesto, a tampa abre. Um girar do polegar e a roda faz faiscar a pederneira. A erupção das faúlhas espoleta a chama.

O captor baixa o isqueiro, arrastando consigo a chama. O combustível inflama. As chamas devoradoras explodem e percorrem toda a extensão do braço do velho.

A dor é imediata, como se o seu sangue se tivesse transformado em ácido. Os olhos arregalam-se em pânico e todos os músculos contraem. As mãos estão cerradas em punhos. Ele tenta gritar, mas o som é travado pelo obstáculo que tem na garganta. Torna-se patético e inaudível à medida que gargareja o seu próprio sangue.

A carne rebenta e crepita como um assado num forno quente. Sangue, gordura e água escorrem pelos seus braços e gotejam-lhe pelos dedos.

A visão turva-se de negro. A dor desaparece. A respiração deixa de ser agitada e urgente.

O velho morre. Não sabe que a gordura do seu corpo vai continuar a alimentar as chamas muito depois de o combustível ter sido consumido. Não vê como as chamas queimam e distorcem o que foi gravado no seu peito.

Não obstante, é isso mesmo que acontece.

# Capítulo 1

*Uma semana depois*

**T**illy Bradshaw tinha um problema. E ela não gostava de problemas. A sua escassa tolerância à incerteza causava-lhe ansiedade. Olhou em volta à procura de alguém com quem partilhar as suas descobertas, mas o escritório da Serious Crime Analysis Section estava vazio. Olhou para o relógio e viu que era quase meia-noite. Esteve novamente a trabalhar 16 horas seguidas. Enviou uma mensagem à mãe a pedir desculpa por não ter ligado.

Voltou a concentrar a sua atenção no ecrã. Apesar de saber que não era uma falha técnica, aqueles resultados exigiam que confirmasse uma terceira vez. Voltou a executar o programa.

Depois de preparar uma tisana, lançou um olhar à barra de progresso para ver quanto tempo teria de esperar. Quinze minutos. Abriu o computador portátil, ligou os auscultadores e escreveu «online». Segundos depois, estava totalmente imersa em *Dragonlore*, um RPG multijogadores disputado online.

Em pano de fundo, o programa ia processando os dados que ela tinha introduzido. Bradshaw não verificou o computador da SCAS uma vez que fosse. Ela não cometia erros.

Quinze minutos depois, o logótipo da National Crime Agency desapareceu, dando lugar aos mesmos resultados das outras vezes. Ela escreveu «offline» e saiu do jogo.

Havia duas possibilidades. Ou os resultados estavam corretos, ou tinha ocorrido uma coincidência matemática implausível. Quando

ela os viu pela primeira vez, calculou as probabilidades de se tratar de um mero acaso e o resultado foi um número na casa dos muitos milhões. Para o caso de ser questionada a esse respeito, introduziu o problema matemático num programa que ela própria tinha criado e executou-o. O resultado surgiu no ecrã e revelou que estava dentro da margem de erro que ela tinha acautelado. Não sorriu quando percebeu que se tinha antecipado ao seu próprio computador, que executava um programa que tinha sido criado por *ela*.

Bradshaw não sabia ao certo o que fazer a seguir. A sua superiora, a inspetora Stephanie Flynn, costumava ser simpática com ela, mas ainda na semana anterior ambas tinham tido uma conversa sobre os horários em que seria apropriado ligar-lhe para casa. Só podia fazê-lo quando fosse mesmo importante. Mas... tendo em conta que era a inspetora Flynn quem decidia se algo era importante ou não, como é que ela podia saber sem lhe perguntar? Era tudo muito confuso.

Para Bradshaw, seria preferível que tudo se resumisse a um problema matemático. Ela *percebia* de matemática. Não percebia a inspetora Flynn. Mordeu o lábio e tomou uma decisão.

Reviu as suas descobertas e ensaiou o que havia de dizer.

O que descobrira estava relacionado com o mais recente alvo da SCAS — um homem a quem a imprensa apelidava de «Imolador». Fosse quem fosse — e tinham presumido desde logo que se tratava de um homem —, não parecia gostar de homens na casa dos 60 ou 70 anos. Na verdade, a sua aversão era tal que lhes pegava fogo.

Bradshaw tinha estado a analisar os dados da terceira e mais recente vítima. A SCAS fora chamada após o segundo caso. Além de sinalizar o surgimento de assassinos e violadores em série, a função do departamento era providenciar apoio analítico a qualquer força policial que levasse a cabo investigações de homicídio complexas ou sem móbil aparente. O Imolador preenchia todos os requisitos.

Como o fogo destruiu os corpos ao ponto de nem sequer parecerem corpos, a autópsia não foi o único recurso utilizado pelo agente responsável pela investigação, que estava em Cúmbria e se aconselhou junto da SCAS. Após a autópsia, a SCAS requisitou exames adicionais através de uma tomografia computadorizada multicorte, uma técnica de investigação médica muito sofisticada. Recorria a raios x

e a um líquido de contraste para formar uma imagem tridimensional do corpo. Destinava-se a ser usada em seres vivos, mas era igualmente eficaz em cadáveres.

A SCAS não dispunha de recursos para ter o seu próprio aparelho de tomografia — nenhuma força policial dispunha —, mas tinha um acordo de utilização de um desses aparelhos sempre que a situação o justificasse. Como o Imolador não deixou vestígios nos locais dos raptos ou dos homicídios, o responsável pela investigação estava disposto a explorar todas as hipóteses.

Bradshaw respirou fundo e ligou para a inspetora Flynn.

O telefone foi atendido após o quinto toque. Do outro lado da linha ouviu-se uma voz entaramelada.

— Estou?

Ela olhou para o relógio, para confirmar que passava da meia-noite, e disse:

— Bom dia, inspetora Flynn. Como está? — Além de terem abordado o tema das chamadas fora de horas, a inspetora Flynn também a instara a ser simpática com os colegas.

— Tilly — resmungou Flynn —, o que queres?

— Quero falar-lhe do caso, inspetora Flynn.

Flynn suspirou.

— Importas-te de me tratar por Stephanie, Tilly? Ou Steph? Ou chefe? Tendo em conta a nossa proximidade de Londres, até aceitaria «patroa».

— Com certeza, inspetora Stephanie Flynn.

— Não... Estou a dizer que não quero... Olha, esquece.

Bradshaw esperou que Flynn terminasse de falar antes de dizer:

— Posso contar-lhe o que descobri?

Flynn resmungou.

— Que horas são?

— Passam 13 minutos da meia-noite.

— Diz lá. O que descobriste de tão importante que não pode esperar até amanhã?

Flynn ouviu o que ela tinha para dizer antes de fazer algumas perguntas e de desligar o telefone. Bradshaw recostou-se na cadeira e sorriu. Tinha feito bem em ligar. Palavras da inspetora Flynn.

\*

Flynn chegou meia hora depois. O seu cabelo louro estava num desalinho. Não trazia maquilhagem. Bradshaw também não estava maquilhada, mas por opção própria. Achava que era um disparate.

Bradshaw pressionou algumas teclas e surgiram uns cortes transversais.

— São tudo imagens do tronco — anunciou, antes de explicar o funcionamento da tomografia. — Esta técnica identifica ferimentos e fraturas que possam escapar à autópsia. É particularmente útil em casos de vítimas com queimaduras graves. — Flynn já sabia tudo aquilo, mas deixou-a terminar. Bradshaw revelava as informações ao seu ritmo e não permitia que a apressassem. — Os cortes transversais não nos facultam muitas informações, inspetora Stephanie Flynn, mas repare nisto. — Bradshaw selecionou uma imagem composta, desta feita vista de cima.

— Mas que raio...? — exclamou Flynn, com os olhos postos no ecrã.

— Ferimentos — respondeu Bradshaw. — Uma série deles.

— Então, a autópsia não detetou uma série de cortes aleatórios? Bradshaw abanou a cabeça.

— Foi o que eu pensei. — Pressionou um botão e ambas olharam para a imagem tridimensional dos ferimentos no peito da vítima. O programa analisou os cortes aparentemente aleatórios. Por fim, todos eles se conjugaram.

Ambas olharam fixamente para a imagem final. Não tinha nada de aleatório.

— O que fazemos agora, inspetora Flynn?

Flynn fez uma pausa antes de responder.

— Ligaste para a tua mãe a explicar porque não estás em casa a uma hora destas?

— Enviei mensagem.

— Então envia outra. Diz-lhe que hoje não vais a casa.

Bradshaw começou a dedilhar no ecrã do telemóvel.

— Qual é a justificação?

— Diz-lhe que vamos arrancar o diretor da cama.

## Capítulo 2

**W**ashington Poe tinha desfrutado do seu dia a reparar o muro de pedras soltas, uma das novas aptidões que adquirira desde que regressara a Cúmbria. Era um trabalho árduo, o que só tornava a recompensa de uma empada e uma caneca de cerveja ao final do dia um consolo ainda maior. Carregou as ferramentas e algumas pedras que tinham sobejado para o reboque da moto-quatro, chamou *Edgar*, o seu *springer spaniel*, com um assobio e iniciou a viagem de regresso à sua pequena quinta. Tinha estado a trabalhar no muro exterior, por isso encontrava-se a mais de quilómetro e meio de casa, uma habitação de pedra rústica chamada Herdwick Croft. O caminho de volta demoraria cerca de 15 minutos.

O sol primaveril estava baixo na linha do horizonte e o orvalho crepuscular fazia refulgir as ervas e as urzes. As aves entoavam cantos territoriais e de acasalamento, e no ar sentia-se a fragrância das flores que começavam a despontar. Poe respirou fundo enquanto conduzia.

Podia habituar-se àquela vida.

Planeara tomar um duche rápido e fazer a caminhada até ao hotel, mas, à medida que se aproximava da casa, a ideia de um banho de imersão demorado na companhia de um bom livro tornou-se mais atrativa.

Transpôs a última cumeeira e parou. Estava alguém sentado na sua mesa de exterior.

Abriu a mochila que trazia sempre consigo e retirou uns binóculos. Apontou-os à figura solitária. Não tinha a certeza, mas parecia tratar-se de uma mulher. Aumentou o foco e esboçou um sorriso escarninho quando reconheceu a figura de longos cabelos louros.

Parecia que o tinham encontrado finalmente.

Voltou a guardar os binóculos na mochila e avançou na direção da sua antiga inspetora.

— Há quanto tempo, Steph — começou Poe. — O que te traz tão para norte?

*Edgar*, o traidor peludo, começou a andar à volta dela como se fosse uma velha amiga desaparecida.

— Poe — saudou-o. — Gosto da barba.

Ele levou a mão ao queixo e cofiou a barba. Perdera o hábito de se barbear todos os dias.

— Sabes que nunca tive jeito para conversa fiada, Steph.

Flynn anuiu.

— Não é fácil dar com este sítio. — Ela trazia um fato de calça e casaco azul-escuro às riscas e, a julgar pela boa forma física e agilidade, era óbvio que continuava a treinar artes marciais. Irradiava a confiança de alguém que tinha tudo sob controlo. Um par de óculos graduados estava dobrado em cima de uma pasta pousada na mesa. Parecia que tinha estado a trabalhar antes de ele chegar.

— Não há de ter sido assim tão difícil — respondeu ele. Não sorriu. — Em que posso ajudar-te, inspetora Flynn?

— Agora sou inspetora-chefe, mesmo que isso não faça a menor diferença.

Poe ergueu o sobrolho.

— O meu antigo cargo? — Flynn confirmou com um aceno. — Muito me surpreende que o Talbot tenha deixado que aceitasses — rematou Poe.

Talbot estava na direção na altura em que Poe ocupava o cargo de inspetor-chefe da SCAS. Era um homem mesquinho, e teria culpado Flynn pelo que se passara, tanto quanto culpava Poe. Talvez até mais. Poe decidira virar costas; ela não.

— Agora está lá o Edward van Zyl. O Talbot não sobreviveu ao rescaldo.

— É um tipo às direitas, gosto dele — grunhiu Poe. Quando Van Zyl estava no North West Special Branch, tinham trabalhado juntos num caso de contraterrorismo. Os bombistas do 21 de Julho tinham treinado no Lake District, e a polícia de Cúmbria foi essencial na recolha das informações sobre o grupo. Fora Van Zyl a pedir a Poe para se candidatar ao cargo na SCAS. — E o Hanson?

— Continua como diretor-adjunto.

— Pena — respondeu Poe.

Hanson era um homem com contactos na política, e Poe não ficou surpreendido por saber que ele tinha conseguido lavar as mãos do sucedido. Por norma, quando um alto funcionário é obrigado a demitir-se face a um erro crasso de julgamento, o seu subordinado direto assume as suas funções. O facto de Hanson não ter sido promovido indiciava que não tinha conseguido escapar ileso.

Poe ainda se lembrava do sorriso escarninho no rosto de Hanson quando o suspendeu. Desde essa altura, não tinha contacto com ninguém da NCA. Não deixou morada de contacto, cancelou o contrato de telemóvel e, tanto quanto sabia, não constava de nenhuma base de dados de Cúmbria.

Se Flynn se dera ao trabalho de o procurar, isso significava que tinha sido tomada finalmente uma decisão quanto à sua continuidade em funções. Como Hanson permanecia no cargo, Poe duvidava que fosse uma boa notícia. Não fazia diferença; há meses que ele seguira em frente com a sua vida. Se Flynn estava ali para lhe dizer que já não trabalhava para a NCA, ótimo. Mas, se estava ali para lhe dizer que Hanson tinha conseguido finalmente arranjar maneira de o acusar criminalmente, ele teria de arranjar maneira de lidar com isso.

Não fazia sentido descarregar no mensageiro. Tinha sérias dúvidas de que Flynn estivesse ali de bom grado.

— Queres um café? Vou fazer para mim. — Não esperou pela resposta e desapareceu para dentro de casa, fechando a porta atrás de si.

Cinco minutos depois, voltou a sair com uma cafeteira de metal e um jarro de água a ferver. Encheu duas chávenas.

— Ainda bebes simples? — Ela acenou e bebeu um gole. Sorriu e ergueu a chávena em sinal de apreço. — Como é que me encontraste?

— O seu rosto estava fechado. A privacidade era uma questão cada vez mais importante na sua vida.

— O Van Zyl sabia que voltarias para Cúmbria e tinha mais ou menos noção de onde vivias. Os operários de uma pedreira disseram-me que estava alguém a viver numa velha cabana de pastor no meio do nada. Viram-te a arranjar a casa. — Olhou em volta como se as provas desse arranjo fossem irrisórias.

Herdwick Croft parecia ter brotado do chão. As paredes eram feitas de pedra não rebocada — demasiado grandes para serem levantadas e assentadas por um só homem — e a casa fundia-se de forma impercetível com a charneca que lhe servia de cenário. Era atarracada e feia, e parecia estar parada no tempo há duzentos anos. Poe adorava-a. Flynn continuou:

— Estou aqui há umas horas à espera...

— O que queres?

Flynn levou a mão à mala e tirou uma pasta almofadada. Não a abriu.

— Presumo que já tenhas ouvido falar do Imolador.

Poe levantou a cabeça de repente. Não estava à espera de que ela dissesse aquilo.

Claro que já tinha ouvido falar do Imolador. Até mesmo em Shap Fells o Imolador era notícia. Tinha queimado homens ainda vivos em alguns dos muitos círculos de pedra de Cúmbria. Três vítimas, até àquela altura, a menos que houvesse mais alguma que ele desconhecesse. Apesar da especulação da imprensa, os factos estavam bem à vista, bastava saber separá-los do sensacionalismo.

O condado estava a braços com o seu primeiro assassino em série.

Mesmo que a SCAS tivesse sido chamada para ajudar a polícia de Cúmbria, ele estava suspenso: sujeito a um processo interno e a um inquérito da IPCC<sup>1</sup>. Apesar de saber que era uma mais-valia para qualquer investigação, Poe tinha noção de que não era insubstituível. A SCAS tinha continuado sem ele.

---

<sup>1</sup> Independent Police Complaints Commission — órgão público da Inglaterra e do País de Gales responsável pela supervisão do sistema de tratamento de reclamações feitas contra forças policiais. [N. T.]

Afinal de contas, o que estava Flynn ali a fazer?

— O Van Zyl levantou a tua suspensão. Quer que trabalhes neste caso. Vais ser o meu inspetor.

Apesar de a expressão de Poe nada revelar, o seu cérebro trabalhava mais depressa do que um computador. Não fazia sentido. Flynn era a nova inspetora-chefe e a última coisa que haveria de querer era ter o antigo inspetor-chefe a trabalhar como seu subordinado, pondo em causa a autoridade dela só com a sua presença. Ademais, ela conhecia-o há tempo suficiente para saber qual era a sua atitude perante a autoridade. Porque aceitaria ela tal situação?

Estava a obedecer a ordens nesse sentido.

Poe reparou que ela não fez referência ao inquérito da IPCC, o que, supostamente, indicava que isso continuava em curso. Ele levantou-se e recolheu as chávenas.

— Não estou interessado — respondeu.

Ela pareceu surpreendida com a resposta. Ele não percebeu porquê. A NCA tinha lavado as mãos do caso dele.

— Não queres ver o que está dentro desta pasta? — perguntou ela.

— Não me interessa — respondeu.

Ele já não sentia falta da SCAS. Apesar de ter demorado algum tempo a habituar-se ao ritmo mais lento da vida nas montanhas de Cúmbria, não estava disposto a abdicar dela. Se Flynn não estava ali para o despedir ou para o prender, ele não estava interessado em nada do que ela tivesse para dizer. Apanhar assassinos em série já não fazia parte da sua vida.

— Pois bem — disse ela, levantando-se. Era alta e os seus olhos estavam ao mesmo nível. — Nesse caso, preciso que assines dois documentos.

Retirou uma pasta mais fina de dentro da mala e entregou-lha.

— O que é isto?

— Disse-te que o Van Zyl levantou a suspensão, certo?

Ele acenou e leu o documento.

*Ah.*

— E tens noção de que, tendo em conta que estás novamente no ativo — prosseguiu ela —, a recusa de voltar ao trabalho é punível com despedimento? Mas, em vez de passarmos por esse processo,

disseram-me que posso aceitar a tua demissão. Tomei a liberdade de pedir aos Recursos Humanos para redigirem este documento.

Poe examinou o documento de uma página. Se assinasse no final, deixava de ser agente da polícia. Apesar de já contar com isso há algum tempo, percebeu que a despedida não era tão fácil como imaginara. Se assinasse, colocaria um ponto final nos últimos 18 meses. Podia começar a viver.

Mas não voltaria a andar com um distintivo.

Olhou para *Edgar*. O *spaniel* estava a aproveitar os últimos raios de sol. A maior parte do terreno em seu redor pertencia-lhe. Estaria disposto a abdicar de tudo aquilo?

Poe pegou na caneta e assinou ao fundo da página. Entregou-lhe a folha para que ela visse que ele não tinha escrito apenas «vai à merda». Agora que o *bluff* não tinha resultado, ela parecia menos segura do passo a dar a seguir. Aquilo não estava a correr conforme o planeado. Poe levou as chávenas e a cafeteira para dentro. Um minuto depois, estava de volta. Flynn permanecia imóvel.

— O que foi, Steph?

— O que estás a fazer, Poe? Adoravas ser polícia. O que mudou? Ele ignorou-a. Tomada a decisão, só queria vê-la pelas costas.

— Onde está o outro documento?

— O quê?

— Disseste que tinhas dois documentos para eu assinar. Já assinei a carta de demissão, por isso, a menos que tenhas uma cópia que precise de rubrica, tens outra coisa para eu assinar.

Ela voltou a assumir uma postura profissional. Abriu a pasta e tirou o segundo documento. Era mais volumoso do que o primeiro e tinha o selo oficial da NCA no topo.

Começou a debitar um discurso ensaiado, que outrora o próprio Poe já tinha proferido.

— Washington Poe, por favor, leia este documento e assine no final, de modo a confirmar que tomou conhecimento das informações que nele constam. — Com isto, entregou-lhe o molho de folhas.

Poe olhou de relance para a primeira página.

Era um *Osman Warning*.

*Merda...*

## Capítulo 3

Quando a polícia tem informações de que alguém se encontra em perigo de vida imediato e significativo, tem o dever de avisar a vítima. O *Osman Warning* é o procedimento oficial através do qual se cumpre esse dever. As potenciais vítimas podem acatar as medidas de proteção que são propostas pela polícia ou, caso não as considerem satisfatórias, podem efetuar as suas próprias diligências.

Poe passou os olhos pela primeira página, mas percebeu que estava cheia de tretas oficiosas. Não dizia quem constituía uma ameaça para a sua pessoa.

— O que é isto, Steph?

— Só posso dizer-te se fores um polícia no ativo, Poe. — Com isto, entregou-lhe a carta de demissão que ele acabara de assinar, mas ele não a aceitou. — Poe, olha para mim. — Ela fixou o seu olhar, e ele viu que transparecia apenas sinceridade. — Acredita em mim. Precisas de ver o que está nesta pasta. Se não te agradar, podes sempre enviar a carta de demissão por e-mail ao Hanson. — Voltou a estender-lhe a carta de demissão. Poe abanou a cabeça e rasgou a carta. — Ótimo — disse ela. Passou-lhe algumas fotografias brilhantes de um local de crime. — Reconheces isto?

Poe analisou as fotografias. Eram de um cadáver. Negro, queimado, quase irreconhecível como sendo de um ser humano. Mirrado, como fica tudo aquilo que é composto sobretudo por líquido depois

de exposto a um calor intenso. O cadáver parecia ter a mesma textura e peso do carvão que Poe retirava da sua salamandra todos os dias de manhã. Quase sentia o calor residual através da imagem.

— Sabes quem era? — perguntou Flynn.

Poe não respondeu. Folheou o molho de fotografias em busca de um ponto de referência. A última retratava todo o local do crime. Reconheceu o círculo de pedra.

— Isto é Long Meg and Her Daughters. Este... — aventou, apontando para a primeira fotografia — ... deve ser Michael James, o ve-reador conservador. Foi a terceira vítima.

— É mesmo. Empalado no centro do círculo de pedra, coberto de combustível e incendiado. Sofreu queimaduras em mais de 90 por cento do corpo. O que mais sabes?

— Apenas aquilo que li. Presumo que a polícia tenha ficado surpreendida com o local; não é tão rural como os outros dois.

— Não tão surpreendida como ficou com a facilidade com que ele conseguiu contornar todas as medidas de vigilância que foram implementadas.

Poe acenou. O Imolador tinha escolhido um círculo de pedra diferente em todos os crimes. Foi o que levou a imprensa a inventar o nome. Imolação significa sacrificar através do fogo, e, sem qualquer outro móbil, a imprensa não hesitou em batizá-lo desta forma. Poe contava que a polícia estivesse de olho em todos os círculos. Ou talvez não... Havia muitos círculos de pedra em Cúmbria. Se juntarmos as antas, mamoadas e menires, teriam quase quinhentas formações de pedra para vigiar. Mesmo que usassem medidas de segurança mínimas, precisariam de uma equipa de quase dois mil agentes. Cúmbria mal tinha mil polícias no ativo. Não restava alternativa senão escolher criteriosamente onde colocar os seus recursos limitados.

Ele entregou-lhe as fotografias. Por mais macabro que fosse tudo aquilo, não explicava porque é que Flynn tinha feito aquela longa viagem até ao norte.

— Continuo sem perceber o que tem tudo isto que ver comigo. Ela ignorou a pergunta.

— A SCAS foi chamada após a descoberta da segunda vítima do Imolador. O agente responsável pela investigação queria um perfil.

— Isso seria expectável, tratando-se da especialidade do departamento. — E nós traçámos um. Não determinámos nada de muito útil, apenas as tretas do costume em relação ao intervalo de idade e etnia, esse tipo de coisas.

Poe sabia que os perfis podiam ser mais-valias, mas apenas quando enquadrados numa investigação com várias vertentes. Não lhe parecia que aquela conversa se devesse a um perfil.

— Já ouviste falar em tomografia computadorizada multicorte?

— Sim — mentiu ele.

— É um procedimento através do qual uma máquina fotografa o corpo em fatias muito finas, e não como um todo. É caro, mas, por vezes, identifica lesões anteriores e posteriores ao óbito que os métodos forenses convencionais não detetam.

Poe sempre se interessara mais por saber o que tais processos faziam, e não como o faziam. Se Flynn dizia que era possível, ele acreditava.

— A autópsia não detetou nada, mas a tomografia encontrou isto — prosseguiu ela. Retirou mais uma série de fotografias que colocou em cima da mesa, à frente dele. Eram imagens computadorizadas do que pareciam ser cortes aleatórios.

— Isto estava na terceira vítima? — perguntou.

Ela acenou com a cabeça.

— No tronco. Tudo o que ele faz tem em vista o máximo impacto.

O Imolador era um sádico. Poe não precisava de um perfil sofisticado para perceber isso. Analisou todas as imagens à medida que Flynn lhas passava. Eram quase 20, mas foi a última que o fez sustentar a respiração.

Era a soma de todas as partes. A imagem computadorizada em que todos os cortes aleatórios se juntavam para formar a imagem pretendida. Os lábios de Poe contraíram-se.

— Como? — grunhiu.

Flynn encolheu os ombros.

— Tínhamos esperança de que nos pudesses dizer.

Olharam ambos para a última fotografia.

O Imolador tinha gravado duas palavras no peito da vítima.

«Washington Poe»

## Capítulo 4

Poe deixou-se cair pesadamente na cadeira. O seu rosto ficou sem pinga de sangue. Uma veia na têmpora começou a latejar. Olhou fixamente para a reprodução computadorizada do seu nome. E não era apenas o seu nome — por cima tinha sido gravado o número cinco.

*Aquilo não era bom... aquilo não era nada bom.*

— Queremos saber porque é que ele sentiu necessidade de gravar o teu nome no peito da vítima.

— Não é algo que tenha feito antes? Não se trata de uma informação que foi sonogada à imprensa?

— Não. Examinámos as duas primeiras vítimas com recurso à tomografia e nada.

— E o número cinco? — Havia apenas uma explicação plausível, e ele sabia que Flynn concordava consigo. Fora o motivo por que ela emitira o *Osman Warning*.

— Partimos do princípio de que estás marcado para ser a quinta vítima.

Ele pegou na última fotografia. Depois das tentativas vãs de gravar um número cinco, o Imolador tinha desistido de desenhar curvas. Todos os riscos eram direitos.

Apesar de estarem a olhar apenas para uma imagem de computador, Poe conseguia perceber que as lesões eram demasiado toscas para terem sido feitas por um bisturi. Ele apostava num x-ato ou algo

semelhante. O facto de as letras terem sido detetadas pela tomografia significava duas coisas: tinham sido feitas previamente ao óbito — caso contrário, a autópsia tê-las-ia detetado — e eram profundas, já que as chamas teriam destruído as lesões mais superficiais. Os últimos minutos da vítima terão sido um verdadeiro inferno.

— Porquê eu? — perguntou Poe. Fez inimigos ao longo da carreira, mas nunca trabalhou num caso que implicasse um indivíduo tão demente.

Flynn encolheu os ombros.

— Como imaginas, não és a primeira pessoa a fazer essa pergunta.

— Não menti quando disse que só sabia o que foi relatado na imprensa.

— Sabemos que, quando eras agente da polícia de Cúmbria, não tiveste nenhum contacto oficial com qualquer das vítimas. Presumo que também não tenhas tido contactos officiosos...

— Que eu saiba, não. — Fez um gesto abarcando a casa e o terreno circundante. — Atualmente, a maior parte do meu tempo é dedicada a esta propriedade.

— Foi isso que presumimos. Não acreditamos que o elo de ligação sejam as vítimas; acreditamos que seja o assassino.

— Julgam que eu conheço o Imolador?

— Julgamos que ele te conhece, ou que sabe da tua existência. Duvidamos que o conheças.

Poe sabia que aquela seria a primeira de muitas conversas e encontros, e que, quisesse ou não, estava envolvido em tudo aquilo. Restava saber em que medida.

— Primeiras impressões? — indagou Flynn.

Ele voltou a analisar os golpes. Excluindo o número cinco mal-amanhado, contou quarenta e dois. Quarenta e dois golpes para escrever «Washington Poe». Quarenta e duas expressões individuais de agonia.

— Além de presumir que a vítima tivesse preferido que eu me chamasse Bob, nada.

— Preciso que voltes ao trabalho — disse ela. Olhou em volta para as montanhas desoladas que ele agora considerava serem o seu lar. — Preciso que voltes a juntar-te à espécie humana.

Ele levantou-se, tendo já afastado qualquer ideia de pedir demissão. Só uma coisa interessava: o Imolador estava a monte, a seleccionar a vítima número quatro. Se alguma vez quisesse voltar a sentir-se tranquilo, tinha de o encontrar antes que chegasse ao número cinco.

— Vamos em que carro? — perguntou.

## Capítulo 5

**M**al saíram de Cúmbria, o terreno aplanou e a M6 estendeu-se à sua frente como uma passadeira. A primavera revelava ilusões de grandeza estival, e Poe deu por si a ter de ligar o ar condicionado do carro de Flynn. O suor começava a acumular-se-lhe ao fundo das costas, e isto não se devia propriamente ao calor.

Um silêncio inquieto abatera-se sobre eles. Enquanto Poe deixava *Edgar* com o seu vizinho mais próximo, Flynn substituíra o seu fato profissional por um conjunto mais informal de calças de ganga e camisola. Mas, apesar da indumentária descontraída, ela enrolava nervosamente os seus longos cabelos com os dedos enquanto olhava fixamente para a estrada.

— Parabéns pela promoção — disse Poe.

Ela virou a cabeça.

— Não queria o teu cargo. Espero que saibas disso.

— Sei, sim. E, para que conste, acho que serás uma excelente inspetora-chefe.

Não havia o menor indício de rancor na sua voz. Ela baixou a guarda e disse:

— Obrigada. A tua suspensão não foi propriamente a forma como imaginei conseguir a promoção.

— Eles não tinham alternativa.

— Talvez não tivessem alternativa — disse Flynn —, mas qualquer um de nós podia ter cometido o mesmo erro.

— Não interessa — respondeu ele. — Ambos sabemos que há uma linha evolutiva clara desde esse erro até às consequências que ele desencadeou, Steph.

Flynn referia-se ao último caso em que ambos trabalharam. Aquele que viria a ser o último caso dele. Um louco na zona de Thames Valley raptara e assassinara duas mulheres, e Muriel Bristow, uma jovem de 14 anos, estava agora desaparecida. A SCAS esteve envolvida desde o início. Os perfis do agressor e o mapeamento do crime foram traçados, mas fora o perfil geográfico a revelar o principal suspeito: Peyton Williams, o adjunto de um deputado. Tudo batia certo. Já tinha sido condenado por assédio, estivera sempre na zona onde haviam ocorrido os raptos e tinha um historial de relações falhadas.

Poe queria detê-lo para interrogatório, mas Talbot, o seu superior, diretor do Serviço de Informações, recusara. Tinha sido anunciada a realização de eleições legislativas e estavam no período pré-eleitoral conhecido como *pardah*, pelo que deter o adjunto de um deputado de um distrito eleitoral de pendur político indefinido sem provas podia ser considerado manipulação eleitoral. Pelo menos, aos olhos de Talbot.

— Arranje-me provas concretas. — Foram estas as instruções.

Entretanto, Talbot dissera a Poe que informaria o deputado em questão de que estavam a investigar um dos elementos do seu gabinete. Poe pedira-lhe que não o fizesse.

Talbot ignorara o pedido, e o deputado decidira despedir o adjunto. E explicara-lhe porquê.

Poe ficara furioso. Era certo e sabido que, tendo conhecimento de que estava a ser vigiado, Peyton Williams não se aproximaria de Muriel Bristow. Se ela ainda estivesse viva, não continuaria por muito mais tempo. Morreria de desidratação.

Ele não era o tipo de agente que passava as tarefas mais desagradáveis para os outros. Faria ele próprio a deslocação até à casa da família. Antes de partir, imprimira um resumo do caso destinado à família, um ponto de situação da investigação bastante simplificado. Depois de relatar aos Bristows aquilo que lhe era permitido, entregou-lhes o relatório para que o pudessem analisar com calma.

Mais tarde, nesse dia, o mundo desabou.

Poe tinha cometido um erro. Um erro terrível. Além de imprimir o resumo do caso destinado à família, imprimiu também um relatório atualizado para os seus próprios ficheiros. Este *não* estava rasurado. Incluía todas as suas suspeitas e frustrações.

O relatório errado fora parar ao dossiê errado... Os Bristows ficaram a saber da suspeita que recaía sobre Peyton Williams...

Só mais tarde, depois de Williams ter sido raptado e torturado pelo pai de Muriel Bristow, e muito depois de ele divulgar a localização de Muriel e de ela ter sido devolvida em segurança à família, é que alguém parou para pensar como é que Bristow chegou a saber de Peyton Williams.

O erro foi rapidamente descoberto. E, apesar de Poe ter razão, e apesar de uma jovem inocente ter sido devolvida à família, ele foi suspenso com efeitos imediatos. Poucas semanas depois, Peyton Williams morreu, na sequência dos ferimentos.

Até Flynn aparecer em Herdwick Croft, Poe não voltou a ver ninguém da NCA.

— Desapareceste sem te despedires de ninguém — disse Flynn.

Ele sentiu o peso da culpa. Depois de ser suspenso, Poe ignorou todas as mensagens de texto e de voz que lhe ofereciam ajuda. Um homem fora torturado, e a responsabilidade era sua. Teria de aprender a viver com isso. Decidiu regressar a Cúmbria. Afastar-se dos seus colegas bem-intencionados. Esconder-se do mundo. Ficar sozinho, apenas na companhia dos seus pensamentos mais negros.

Flynn prosseguiu.

— Aqui entre nós, o Van Zyl disse-me que acha que a IPCC está prestes a dar o caso por encerrado. Não conseguem provar de forma inequívoca que foste tu quem colocou o relatório errado no dossiê da família.

A ideia não servia de consolo a Poe. Talvez começasse a habituar-se à sua existência monástica. Abriu o dossiê do caso e começou a ler tudo o que a SCAS sabia sobre o Imolador.

## Capítulo 6

**A** pesar de se tratar de um triplo homicídio e de a documentação ser abundante, Poe já tinha visto dossiês suficientes para conseguir localizar as partes mais importantes. Concentrou a sua atenção na descrição preliminar que o responsável pela investigação fizera do primeiro local do crime.

Por norma, continha as informações mais úteis, visto que incidia sobre as primeiras impressões. Os relatórios posteriores eram mais cautelosos e ponderados.

O agente responsável era um superintendente-chefe chamado Ian Gamble. Regra geral, um caso desta envergadura ficaria sob a alçada da Force Major Incident Team, mas, como esta estava a meio de outra investigação, Gamble — que era também chefe do departamento de investigação criminal — automeu-se para a função, o que, tendo em conta a atenção mediática que Cúmbria estava a receber, pareceu uma jogada acertada.

Gamble era inspetor quando Poe o conheceu. Um polícia íntegro que conduzia investigações sólidas, se bem que pouco imaginativas. Foi ele quem reparou no cheiro químico que se sobrepunha ao cheiro óbvio a gasolina no primeiro local do crime. As suas suspeitas não eram infundadas. O Imolador usara um combustível artesanal. Não admira que os corpos tenham ficado carbonizados.

— Assustador, não é? — comentou Flynn. — Aparentemente, basta adicionar pedaços de esferovite à gasolina até estes deixarem de

se dissolver. Os engenheiros do apoio técnico dizem que o resultado é uma substância gelatinosa branca que arde com tal intensidade que é capaz de derreter gordura. Quando isso acontece, o próprio corpo alimenta a combustão até consumir por completo a carne e os ossos.

— Meu Deus — sussurrou Poe. Antes de se alistar na polícia, passara três anos no regimento de infantaria escocês, os Black Watch, e treinara com granadas de fósforo branco. Imaginava que o resultado fosse semelhante; assim que ateava, era impossível apagar. A melhor hipótese era que a carne se soltasse dos ossos; caso contrário, continuaria a arder.

A primeira vítima tinha sido morta há quatro meses. Graham Russell começara a sua carreira de jornalista num jornal local de Cúmbria 40 anos antes, mas depressa se mudara para Fleet Street. Foi lá que chegou a editor de um tabloide de tiragem nacional fortemente criticado durante o Inquérito Leveson<sup>2</sup>. Não tinha sido implicado pessoalmente em nada, mas acabaria por regressar a Cúmbria com uma pensão choruda. O Imolador raptara-o na sua propriedade rural. Não havia sinais de luta, mas, algum tempo depois, a vítima foi encontrada no centro do círculo de pedras em Castlerigg, nos arredores de Keswick. Além de completamente incinerado, Russell também fora torturado.

Poe franziu o sobrolho enquanto acompanhava as linhas de investigação preliminares da equipa.

— Vistas curtas? — perguntou a Flynn. Por vezes, os responsáveis mais inexperientes viam coisas onde elas não existiam, e, apesar de Gamble não ser um novato, não liderava uma investigação de homicídio há algum tempo.

— Achamos que sim, apesar de eles negarem, claro — respondeu ela.

Contudo, o superintendente Gamble parecia insistir que o primeiro homicídio tinha sido um crime de vingança relacionado com o Inquérito Leveson.

---

<sup>2</sup> Inquérito judicial instaurado em 2011 que incidia sobre a cultura, as práticas e os preceitos éticos da imprensa britânica, no seguimento do escândalo das escutas telefónicas protagonizado pela News International, nomeadamente pelo extinto tabloide britânico *News of the World*. [N. T.]

Só um mês mais tarde, quando o corpo de Joe Lowell foi descoberto, é que os procedimentos TIE — *Trace, Interview, Eliminate*<sup>3</sup> — deixaram de se concentrar em vítimas de escutas. Lowell nunca trabalhara em jornalismo; provinha de uma família de latifundiários de sétima geração com terrenos agrícolas no sul de Cúmbria. Os Lowells eram — e sempre tinham sido — membros distintos e populares da comunidade. Joe Lowell fora raptado de Lowell Hall, a propriedade da família. Apesar de viver com o filho, ninguém denunciou o seu desaparecimento. O corpo foi encontrado no centro do círculo de pedras de Swinside, perto de Broughton-in-Furness, no sul de Cúmbria.

Consequentemente, a investigação tornou-se ainda mais séria. Todas as ideias relacionadas com Leveson foram postas de parte — ao ponto de o dossiê do homicídio ter sido emendado — e o foco passou a incidir sobre aquilo que já se adivinhava: um assassino em série.

Poe folheou o dossiê em busca da secção sobre os círculos de pedra. Como o assassino parecia ter uma ligação a eles, Gamble devia ter reunido o máximo de informação possível.

Cúmbria tinha a maior concentração de círculos de pedra, menires, antas, monólitos e mamoads do Reino Unido. Eram todos únicos e abrangiam períodos de tempo que se estendiam do neolítico antigo até à Idade do Bronze. Uns eram ovais e outros, redondos; algumas pedras eram granito róseo e outras, ardósia. Um pequeno número tinha um círculo interior de pedras mais pequenas, mas a maioria não tinha. Gamble consultara académicos para informar a equipa sobre o seu propósito mais provável, mas tal servira de pouco. As teorias abarcavam desde cerimónias fúnebres e rotas comerciais a associações aos ciclos lunares e a alinhamentos astronómicos.

A única coisa em que os académicos pareciam estar de acordo era que, em toda a história dos círculos de pedra, estes nunca tinham sido usados para sacrifícios ritualistas.

Mas claro, pensou Poe, a história de amanhã escreve-se hoje...

---

<sup>3</sup> «Localizar, Interrogar, Eliminar.» [N. T.]

## Capítulo 7

Poe estava a ler sobre o terceiro homicídio — Michael James, vereador de South Lakes, assassinado duas semanas antes com o nome de Poe gravado no peito — quando se deparou com um documento que o fez rir em voz alta. Tinha sido redigido por um dos agentes que estavam a trabalhar no caso, o único que poderia descrever o cheiro no local do crime como tendo uma «qualidade miasmática».

Era um verdadeiro bobo da corte, mas era também uma das pessoas mais inteligentes que Poe conhecia. O tipo de pessoa que ganhava uma partida de Quatro em Linha em três jogadas. Chamava-se Kylian Reid, e era também o único amigo verdadeiro que Poe tinha em Cúmbria. Haviam-se conhecido na adolescência e nunca mais se separaram. Sentiu-se culpado por ainda não o ter procurado desde que regressara a casa; estava tão embrenhado nos seus próprios problemas que tal nem sequer lhe tinha passado pela cabeça. Contudo, ele e Reid conheciam-se há demasiado tempo e tinham vivido demasiadas coisas juntos para alguma vez poderem vir a desentender-se. Poe pediu o telemóvel a Flynn e acedeu à aplicação do dicionário. Escreveu «miasmático». Significa «emanação morbífica proveniente de substâncias orgânicas em decomposição». Imaginou quantas pessoas já tinham feito o mesmo gesto que ele. Era típico de Reid. Troçar dos superiores, fazendo-os sentirem-se estúpidos. Não admira que nunca tivesse passado de mero agente. Se iam voltar a trabalhar

juntos, então eram boas notícias. Poe pegou no dossiê e continuou a ler.

Depois de a segunda vítima ter sido descoberta e de a SCAS ser chamada a intervir, o nome de Flynn começou a surgir nos relatórios. A segunda vítima também desencadeou um circo mediático para batizar o assassino. No final — como acontecia sempre nestes casos — ganharam os tabloides, com o epíteto «Imolador».

Terminou a primeira leitura e pousou o dossiê no banco de trás do carro. Fechou os olhos e rodou o pescoço. Em breve, voltaria a ler de novo cada um dos documentos. Haveria de ficar gravado na sua memória. A primeira leitura servia apenas para tomar o pulso àquilo que tinha em mãos. Era raro chamarem a SCAS de imediato, por isso, estudar os dossiês como se fossem casos arquivados era uma competência importante. Não estavam apenas a analisar provas; procuravam erros que tivessem sido cometidos pela equipa de investigadores.

Flynn reparou que ele já tinha terminado a leitura do dossiê e perguntou:

— Alguma ideia?

Poe sabia que estava a ser posto à prova. Estava afastado há um ano — ela e Van Zyl precisavam de saber se ele ainda estava à altura.

— Os círculos e as imolações são, provavelmente, um beco sem saída. Terão um significado para o assassino, mas só saberemos qual será depois de ele ser apanhado. Ele tem uma ideia daquilo que quer, mas está disposto a mudar se a realidade não corresponder à fantasia.

— Como assim?

— A primeira vítima foi torturada; as outras não. Seja lá por que motivo for, isso não surtiu o efeito esperado. Por isso, deixou de o fazer.

— O Michael James tinha o teu nome gravado no peito. Eu chamaria a isso tortura.

— Não, ele gravou o meu nome por um motivo que desconhecemos. A dor que causou foi acessória. A dor de Graham Russell foi intencional. — Flynn instou-o a prosseguir. — Todos os homens são da mesma faixa etária e são todos abastados. Não há indícios de que se conhecessem entre si.

— Achas que são escolhidos de forma aleatória?

Poe achava que não, mas ainda não estava disposto a admiti-lo. Precisava de mais informações.

— Ele quer que pensemos que sim. — Ela acenou sem dizer palavra. — E nenhum deles foi dado como desaparecido?

— Não. Pareciam ter todos motivos plausíveis para se ausentarem de casa. Só depois de serem assassinados é que descobrimos os esforços do Imolador para garantir que não eram dados como desaparecidos.

— Como assim? — Poe sabia que essa informação constava do dossiê, mas por vezes era preferível ter uma interpretação dos factos.

— O carro e o passaporte de Graham Russell tinham sido registados num *ferry*, e a família recebeu e-mails a dizer que ele estava a passar férias em França. Joe Lowell enviou mensagens de texto a partir de Norfolk à família, a dizer que ia ficar em casa de amigos e que iria caçar perdizes-vermelhas até ao final da temporada. Michael James vivia sozinho, por isso o seu desaparecimento não teria sido detetado de imediato, mas o histórico do seu computador dava conta de que planeava uma visita às destilarias de whisky das ilhas escocesas.

— Então, não têm a certeza de quando é que eles foram raptados?

— Nem por isso.

Ele pensou no que isto significava e percebeu que apenas confirmava o que ele já sabia. O Imolador era organizado. Disse isso mesmo a Flynn.

— Como assim? Ele deixa os locais do crime num autêntico caos.

Poe abanou a cabeça. Ela continuava a pô-lo à prova.

— Ele controla o local do crime. Não há espaço para o improvisado. Leva consigo tudo aquilo de que precisa. Não há provas físicas nos locais do rapto ou do homicídio, e, tendo em conta que a transferência de provas é inevitável e que as técnicas de deteção de provas nunca foram melhores, isso é notável. Presumo que, à terceira vítima, os círculos de pedra já estivessem a ser vigiados de alguma forma.

— A maioria estava, sim. O de Long Meg tinha acabado de ser inspecionado.

— Então, ele também está a par da vigilância — disse Poe.

— Mais alguma coisa?

— Passei no teste?

Flynn sorriu.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Há algo em falta no dossiê. Um filtro de controlo, algo que o agente responsável está a sonegar à comunicação social. Do que se trata?

— Como é que adivinhaste?

— O Imolador pode não ser um sádico, mas está a agir com requintes de sadismo. É impossível ele não molestar os corpos.

Flynn apontou para a sua pasta, que estava no banco de trás.

— Está ali outro dossiê.

Ele inclinou-se para trás para o tirar. Na capa estava escrito «Secreto», e alguém acrescentara: «Não pode ser partilhado sem a autorização por escrito do superintendente Gamble.» Poe não o abriu.

— Já ouviste falar na época da mutilação, Poe? — Ele abanou a cabeça. Não estava a par. — Foi um termo cunhado pelo Serviço Nacional de Saúde. Refere-se à época do ano, por norma, as férias de verão, em que as meninas, algumas com apenas dois meses, são levadas para fora do Reino Unido, supostamente para visitar familiares no estrangeiro. Mas, na verdade, o objetivo é serem sujeitas à mutilação genital feminina. Isto acontece nas férias de verão para que os ferimentos cicatrizem antes de elas voltarem.

Poe tinha alguns conhecimentos sobre mutilação genital feminina, a prática abominável de cortar partes do aparelho genital das meninas para garantir que elas não têm prazer sexual. Acreditava-se que isso as manteria fiéis e castas. A realidade era que as vítimas sofriam dores profundas e vinham a ter problemas de saúde crónicos. Em algumas culturas, as incisões ainda eram suturadas com espinhos.

Poe percebeu porque é que Flynn lhe estava a contar aquilo.

— Ele castra-os?

— Teoricamente, não. Ele corta os testículos e o pénis. De forma limpa e sem anestesia.

— Ele guarda troféus — concluiu Poe. Uma elevada percentagem de assassinos em série guarda para si partes das vítimas.

— Na verdade, não. Abre o ficheiro.

Poe assim fez e quase vomitou o almoço. A primeira fotografia explicava porque é que ninguém tinha ouvido a vítima gritar.

Graham Russell estava engasgado.

A fotografia era um grande plano da boca da vítima: estava cheia com os seus próprios genitais. As fotografias seguintes mostravam o pénis, os testículos e o escroto — ainda interligados — depois de retirados da boca. Escurecidos na extremidade exposta ao fogo, mas surpreendentemente rosados e não danificados na outra extremidade. Poe percorreu o resto das fotografias e descobriu que eram em tudo semelhantes.

E seria ele a quinta vítima? Como se a parada não estivesse já suficientemente elevada... Cruzou as pernas.

— Vamos apanhá-lo antes que ele se aproxime de ti, Poe.

# HAVERÁ ALGO PIOR DO QUE SER QUEIMADO VIVO?

Um assassino em série anda à solta. Ele raptou, mutilou e queimou homens nos círculos de pedra pré-históricos do condado de Cúmbria. Não deixou pistas, e a polícia está desorientada. Quando o nome do inspetor Washington Poe é encontrado gravado nos restos carbonizados da terceira vítima, ele é chamado a participar na investigação.

Poe não se quer envolver, mas o cruel assassino tem um plano e, por alguma razão, o inspetor faz parte dele. Acaba, então, por formar equipa com a brilhante, mas socialmente desajustada, analista de dados Tilly Bradshaw, e juntos irão identificar pistas que só Poe consegue seguir.

À medida que o número de corpos carbonizados aumenta, Poe percebe que há muito mais em jogo do que poderia imaginar. E, num final chocante que destrói tudo aquilo em que acreditava sobre si mesmo, o inspetor descobre que há coisas ainda piores do que ser queimado vivo...

**«Um brutal e empolgante policial  
que se lê de um só fôlego.»**

**THE SUN**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-843-1



9 789896 688431

Policial